O CONCEITO DE MEDIAÇÃO SEMIÓTICA EM VYGOTSKY E SEU PAPEL NA EXPLICAÇÃO DO PSIQUISMO HUMANO

Angel Pino
FE/Unicamp

Introdução

O conceito de *mediação semiótica* é central na obra de Vygotsky. "O fato central na nossa Psicologia — afirma ele — é o fato da mediação" [1]. Ele constitui o "elo epistemológico" dos trabalhos de Vygotsky e de outros autores da corrente sócio-histórica de Psicologia. Por "elo epistemológico" entendo um conceito-chave que funciona como operador na articulação dos diferentes componentes de um sistema teórico, conferindo a este unidade e coerência lógica. A mediação semiótica permite explicar, por exemplo, os processos de *internalização* e *objetivação*, as relações entre *pensamento* e *linguagem* ou a interação entre *sujeito* e *objeto* do conhecimento, questão fundamental da teoria do conhecimento.

Contrariamente a outras correntes de Psicologia, a corrente sócio-histórica concebe o psiquismo humano como uma construção *social*, resultado da apropriação, por parte dos indivíduos, das produções culturais da sociedade através da mediação dessa mesma sociedade (Leontiev, 1978). A apropriação implica um processo de *interiorização* das funções psíquicas desenvolvidas ao longo da história social dos homens. A interiorização ocorre numa rede complexa de inter-relações que articulam a *atividade* social dos indivíduos.

Num sentido amplo, mediação é toda a intervenção de um terceiro "elemento" que possibilita a interação entre os "termos" de uma relação. Neste trabalho, o termo mediação é utilizado para designar a função que os sistemas gerais de *sinais* desempenham nas relações entre os indivíduos e destes com o seu meio. Mais especificamente, é utilizado para designar a função dos sistemas de *signos* na comunicação entre os homens e na construção de um universo sócio-cultural.

A vida social dos animais apresenta inúmeros exemplos de mecanismos mediadores (*sistemas sinaléticos*) das relações entre os indivíduos. Os processos mediadores multiplicam-se na vida social dos homens, em razão sobretudo da complexidade das suas relações sociais. Diferentemente dos animais, sujeitos aos mecanismos instintivos de adaptação, os seres humanos criaram *instrumentos* e *sistemas de signos* cujo uso lhes permite transformar e conhecer o mundo, comunicar suas experiências e desenvolver novas funções psicológicas. A mediação dos sistemas de signos constitui o que denominamos "mediação semiótica".

É objetivo deste trabalho analisar, mesmo sumariamente, o conceito de "mediação semiótica" trazido à tona pelos escritos de Vygotsky, indagando qual é o seu valor heurístico para a elaboração de uma teoria do psiquismo humano.

Da sinalética animal às raízes da semiótica

Num dos seus ensaios sobre o comportamento, K. Lorenz (1970) fala da existência nos animais de *mecanismos inatos deslanchadores* da ação, os quais lhes permitem reagir de maneira "sensata" aos *sinais* (visuais, sonoros ou olfativos) emitidos por outros animais. Eles *selecionam* um pequeno número de sinais que constitui a "chave" da reação (os *signi stimuli* de Tinbergen). Apesar do seu número reduzido e da sua simplicidade, esses sinais são extremamente eficazes na função de orientar os animais nas relações inter/intra-específicas de maneira que não cometam erros de "interpretação" que poderiam ser fatais para eles e, sobretudo, para a espécie. Pesquisas etológicas comprovam a existência, no mundo animal, de *sistemas sinaléticos* altamente especializados na "transmissão de informações".

A *ritualização* (J. Huxley) dos comportamentos sociais animais — como os "cerimoniais de acasalamento" (Lorenz), os "cerimoniais de triunfo" (Heinroth) ou os "cerimoniais de apaziguamento" — revela a eficiência desses sistemas. A ritualização é um processo pelo qual "certos movimentos perdem sua função primitiva, ao longo da filogênese, para tornar-se cerimoniais puramente 'simbólicos'" (Lorenz, 1963, p. 68).

O aspecto limitativo dos sistemas de *sinalização* reside no seu caráter *fixo* e *unívoco*, do qual depende, em contrapartida, sua eficiência comunicativa. Quando erros ocorrem, não é por falha do sistema de

1. Cit. por J.J. Wertsch, La mediation sémiotique de la vie mentale: L.S. Vygotsky et M.M. Bakhtin, em *Vygotsky aujourd'hui*, Neuchâtel-Paris, Delachaux-Niestlé, 1985, p. 139. O autor refere-se às "Obras Completas" de Vygotsky, publicadas em russo, 1982-1985.

sinais mas pela incapacidade do animal de discriminar entre os sinais e o objeto emissor, fato evidenciado no fenômeno da *estampagem (imprinting)*.

A passagem das atividades de coleta e de predação para as da caça teria representado para os ancestrais do homem, segundo os especialistas, o abandono definitivo do estado de natureza e a entrada no estado de cultura. A caça requer, de fato, novas habilidades e conhecimentos — a criação e o uso de instrumentos, a identificação das *pistas* deixadas pelos animais, a cooperação social e a organização das ações-meios e, sobretudo, um sistema eficiente de comunicação (Moscovici, 1972). A atividade da caça teria ensinado o homem a sentir, registrar, interpretar e classificar os fatos da natureza através das pistas, marcas e indícios. A capacidade de *decifrar* esses sinais revela por si só a existência no homem de novas formas de inteligência prática.

Pistas, marcas e indícios distinguem-se dos *signos*, dos quais são os precursores. Aqueles são *sinais* que remetem ao objeto sinalizado em razão da relação *natural e fixa* que existe entre eles e que o homem interpreta (exemplo: o reconhecimento do tipo de animal pelas pegadas). Já os signos são *sinais* que remetem ao objeto sinalizado em virtude, unicamente, da relação *artificial e variável* que o homem estabelece entre eles. Mas decifrar pistas, marcas e indícios constitui uma operação que transcende a interpretação sinalética dos animais, pois implica um processo de análise totalmente estranho ao mundo animal. Trata-se de uma atividade mental que pode ser vista como o elo lógico que liga a sinalética à semiótica, origem remota do que mais tarde tornar-se-á o *paradigma do índice*, modelo epistemológico que, apoiando-se na semiótica, acabou impondo-se no campo das ciências humanas (Ginzburg, 1980).

A questão da mediação em Vygotsky

A idéia de mediação perpassa as análises psicológicas de Vygotsky. Trata-se de um instrumento conceitual extremamente adequado para fazer avançar um pensamento psicológico cujo postulado fundamental é que as funções psíquicas humanas têm sua origem nos processos sociais. Parafraseando Marx (sexta tese de Feuerbach), Vygotsky diz que elas "são relações sociais interiorizadas". O processo de interiorização (cf. texto de Góes neste número), como o de objetivação, implica uma forma de mediação especificamente humana. O desenvolvimento psíquico é o resultado da ação da sociedade sobre os indivíduos para integrá-los na complexa rede de relações sociais e culturais que constituem uma formação social. As funções psicológicas são efeito/causa da atividade social dos homens, resultado de um processo histórico de organização

da atividade social. Para tornar-se um ser "humano", a criança terá de "reconstituir" nela (não simplesmente reproduzir) o que já é aquisição da espécie. Isso supõe processos de inter-ação e inter-comunicação sociais que só são possíveis graças a sistemas de mediação altamente complexos, produzidos socialmente. O característico da concepção de Vygotsky, Leontiev e outros autores da corrente sócio-histórica é que a constituição, no indivíduo, das funções psicológicas, pelo mecanismo da internalização, acontece simultaneamente à apropriação do saber e do fazer da sociedade (o *lequein* e o *tukein* de que fala Castoriadis).

Na perspectiva de Vygotsky e de outros autores da corrente sócio-histórica, a idéia de mediação está fundada na teoria marxista da *produção*, cujos pressupostos filosóficos aparecem em *Manuscritos de 1844* e *O capital*.

Segundo Marx, o desenvolvimento humano é o resultado da atividade do trabalho[2]. Pelo trabalho humano, ao mesmo tempo que os homens transformam a natureza para satisfazer a suas necessidades materiais e psicológicas, transformam-se eles mesmos, desenvolvendo funções e habilidades especificamente humanas (Marx fala de *faculdades adormecidas*). A atividade do trabalho implica um *projeto* que se traduz numa produção — entendida no sentido de "obra" e não de produto (Lefebvre, 1980) — que é a *objetivação* desse projeto. "O resultado a que chega o trabalho — diz Marx — preexiste idealmente na imaginação do trabalhador". Na perspectiva marxiana, a atividade do trabalho implica, portanto, uma dupla produção: a dos objetos culturais e a do ser humano do homem.

Inerente à teoria da produção está o conceito de *instrumento* de trabalho, objeto fabricado pelo homem para realizar sua atividade produtiva[3]. O instrumento confere à atividade humana sua especificidade criadora, ao mesmo tempo que revela o nível de desenvolvimento cultural do homem. A análise marxiana do trabalho, embora elaborada para explicar os modos de produção, permite explicar a função mediadora que ele desempenha nas relações dos homens com a natureza e entre si.

---

2. "O trabalho é antes de tudo um ato que se passa entre o homem e a natureza. Diante da natureza, o homem desempenha o papel de uma força natural. Ele põe em movimento as forças de que seu corpo está dotado, braços e pernas, cabeça e mãos, a fim de assemelhar-se aos materiais e conferir-lhes uma forma útil para a sua vida, ao mesmo tempo que por esse movimento age sobre a natureza externa e a modifica, modifica sua própria natureza e desenvolve as faculdades adormecidas nela" (*O capital*, t. I, cap. VII).
3. "O meio de trabalho é uma coisa ou um conjunto de coisas que o homem interpõe entre ele e o objeto de seu trabalho como condutores da sua ação... O uso e a criação de meios de trabalho, embora estes já existam em germe em algumas espécies animais, caracterizam de forma eminente o trabalho humano" (Marx, 1972).

O que essa análise não explica, porém, nem era sua finalidade, é de onde advém à atividade do trabalho essa qualidade mediadora. É o que Vygotsky, de maneira particular, propõe-se explicar.

A função instrumental é um elemento central na obra de Vygotsky. Polemizando com a psicologia da época, ele mostra que a passagem da atividade prática dos animais à atividade humana ocorre quando esta é mediada "externamente", ou seja, quando ela envolve o uso de "meios externos" visando a determinados objetivos (cf. Lee, 1987). Surge daí o conceito de "ato instrumental" (Vygotsky, 1985), inicialmente ligado ao modelo reflexológico da dupla estimulação, mas reinterpretado mais tarde à luz da função da linguagem.

Vygotsky fala de dois tipos de mediadores externos: os *instrumentos*, orientados para regular as ações sobre os objetos, e os *signos*, orientados para regular as ações sobre o psiquismo das pessoas. A natureza reversível dos signos torna-os particularmente aptos para a regulação da atividade do próprio sujeito, fazendo deles os mediadores na formação da consciência, "experiência das experiências" (Vygotsky, 1979).

O estudo da linguagem leva-o a fazer da sua aquisição o elemento que transforma as *funções elementares*, de origem natural, em *funções superiores*, de origem sócio-cultural. Isso ocorre quando os signos são incorporados à ação prática (Vygotsky, 1984). Estes *organizam* a atividade instrumental, permitindo que ela seja pensada e planejada em função de determinados fins. A incorporação da fala (sistema sígnico) à ação prática (simples uso de instrumentos) constitui o limiar que separa a atividade propriamente humana, de natureza simbólica, da atividade prática, própria das crianças na fase pré-verbal ou sensório-motora segundo Piaget (Vygotsky, 1984). Todavia, a duplicidade de funções, umas inscritas na ordem biológica, as elementares, as outras na ordem simbólica, as superiores, é problemática, pois, embora a fala seja a porta de acesso à ordem simbólica, a criança já nasce inserida nela como "objeto do discurso do outro". Desde o início, ela é "sujeito" de ações *significantes* para o outro, o que a insere irremediavelmente no circuito do simbólico. Que outro sentido podem ter as palavra do autor quando afirma que, "desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social" (Vygotsky, 1984, p. 33)? Isso não invalida o fato de que é pela *mediação dos signos* que a criança se incorpora progressivamente à comunidade humana, internalizando sua cultura e tornando-se um *indivíduo social*, ou seja, humanizado.

A questão semiótica em Vygotsky

Ao reinterpretar o "ato instrumental" a partir da função da linguagem, Vygotsky fez desta o centro das suas investigações. Para tanto, ele escolheu como "unidade de análise" o *significado da palavra*[4], pois, para ele, a palavra é o microcosmos da consciência, aquilo em que ela se reflete à maneira com que o universo se reflete no átomo (Wertsch, 1985, p. 194). Essa escolha facilita e dificulta, ao mesmo tempo, suas análises. Facilita, porque "o significado de uma palavra representa um amálgama tão estreito do pensamento e da linguagem, que fica difícil dizer se se trata de um fenômeno da fala ou de um fenômeno do pensamento" (Vygotsky, 1987, p. 104). Dificulta, porque a significação não está na palavra mas é o efeito da interlocução, como diz Bakhtin.

De todas as formas, esse modelo ajuda a explicar a função mediadora da *linguagem* nos processos inter- e intrapsíquicos. Fica claro que a *significação* (e não o significado) é o elemento que circula nos registros diferentes do agir, do falar e do pensar, permitindo sua articulação. Esse modelo ajuda também a esclarecer a natureza das funções psicológicas, seu conteúdo e sua forma, assim como sua origem social. Mas o modelo não dá conta do fenômeno complexo da "mediação semiótica", irredutível ao *significado* da palavra.

A escolha do significado da palavra permite-lhe, todavia, avançar na análise das relações entre pensamento e linguagem, problema semântico mas também psicológico. Do ponto de vista semântico, o significado é um componente indissociável da palavra, sem o qual esta seria um som vazio. Do ponto de vista psicológico, é uma generalização ou conceito, fenômeno do pensamento. Isso não quer dizer que o significado pertença a duas esferas distintas do psiquismo. É fenômeno da fala enquanto esta é ligada ao pensamento; é fenômeno do pensamento enquanto este ganha corpo na fala. Logo é a *união da palavra e do pensamento*, cujo ponto culminante é o "pensamento verbal" (Vygotsky, 1987, p. 104).

A função mediadora do significado radica na própria natureza da linguagem: sistema de *signos* reversíveis, organizado segundo os princípios de multifuncionalidade, comunicação e generalização (Lee,

4. A escolha de uma "unidade de análise" pode ser interpretada como uma opção metodológica inspirada n'*O capital* de Marx, que fez da "mais-valia" o instrumento de análise do modo de produção capitalista. Vygotsky sonhava com algo semelhante em Psicologia. Ele define a "unidade de análise" como um produto de análise que, distinto dos elementos, retém *todas as propriedades do todo* (cf. Wertsch, 1985, pp. 192-195).

1985, p. 76). Isso faz da linguagem um mediador funcional de situações interativas as mais diversas. O caráter generalizante do significado das palavras permite as duas funções principais da linguagem que a articulam com o pensamento: a *comunicativa* e a *representativa*. Funcionalmente diferentes, comunicação e representação estão interligadas. Como afirma Vygotsky, a verdadeira comunicação humana pressupõe uma atitude generalizante (atividade de pensamento), e a generalização é um estádio avançado da linguagem. Isso não significa que a fala ordinária seja sempre e principalmente conceitual. Mas a generalização é uma característica do pensamento, e as formas mais elevadas de comunicação só são possíveis, diz Vygotsky na linha de E. Sapir (*Language*, 1949), porque o pensamento reflete uma realidade conceitualizada. Tanto a função comunicativa quanto a representativa devem ter referenciais significativos comuns.

A evolução progressiva dos vários níveis de generalização do significado das palavras e dos correspondentes níveis de desenvolvimento da interação social (dois processos interligados) está relacionada, segundo Vygotsky, com dois usos diferentes dos signos lingüísticos: indicar ou mostrar o objeto (função *indexical*) e representá-lo (função *simbólica*). Aquela supõe a presença do objeto que o signo lingüístico redobra; esta implica sua ausência, tornando-se presente através do signo, seu representante (no sentido de "estar no lugar de"). Aquela visa o objeto na sua individualidade ("casa" significa esta casa e não outra); esta visa o objeto na sua generalidade (esta casa é uma "casa" entre outras). Ambas as funções têm que ver com os processos de contextualização/descontextualização. A contextualização (intra/extralingüística) confere aos significados das palavras uma significação concreta e particularizada. A enunciação evoca uma história que confere ao enunciado seu sentido e valor. A descontextualização, ao contrário, torna os significados representantes abstratos de totalidades genéricas, expressão da história de cada língua. Cada uma delas constitui um nível diferente da fala.

Nos escritos de Vygotsky fica claro, de um lado, que a função significativa do significado das palavras varia em razão da contextualização e, de outro, que entre os elementos do signo lingüístico (significante/significado/referente), segundo o modelo de Saussure que Vygotsky assume, a relação não é fixa, como ele mostra no capítulo "pensamento e fala" (1987). Cada um deles obedece a leis próprias sem deixar de constituir uma unidade. A dupla determinação da significação das palavras, a sócio-histórica e a lingüística, revela, entretanto, que os significados não são meras etiquetas coladas aos significantes. Significantes e significados constituem duas ordens distintas e, segundo Lacan (1966, p. 487), separadas desde o início por uma barra (S/s) que

problematiza sua relação. Cada uma dessas ordens tem suas próprias leis de estrutura. É da estrutura do significante que ele se articule com outros significantes ("cadeia de significantes"); é da natureza da linguagem que os significantes possam significar mais e outra coisa que o que dizem os significados. Fica colocada, assim, a questão do sentido.

Luria (1987) lembra que, para a lingüística clássica, *sentido* e *significado* eram praticamente sinônimos e que só recentemente a psicolingüística[5] começou a distinguir entre esses conceitos. Essa distinção está presente de maneira diversa nos trabalhos da corrente sócio-histórica.

Falando das peculiaridades semânticas da fala interior, Vygotsky enumera entre elas o predomínio do sentido sobre o significado da palavra (1987, p. 125). Para ele, o *sentido* é a soma dos eventos psicológicos que a palavra evoca na consciência. É um todo fluido e dinâmico, com zonas de estabilidade variável, uma das quais, a mais estável e precisa, é o *significado*. Este é uma construção social, de origem convencional (ou sócio-histórica) e de natureza relativamente estável (Leontiev, 1978; Bakhtin, 1988). As alterações de sentido não afetam a estabilidade do significado. Segundo Vygotsky, as palavras adquirem seu sentido no contexto do discurso. A variação de contexto implica, portanto, variação de sentido.

O autor não desenvolveu a idéia de contexto, cujo significado permanece vago nos seus escritos. Coube a Bakhtin fazer isso. Segundo este, "a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial" (Bakhtin, 1988, p. 95). A significação real (sentido) de um enunciado está determinada pela interação de vozes ou perspectivas ideológicas múltiplas, representações de diferentes posições sociais na estrutura da sociedade. Por isso, todo discurso é ideológico e polêmico.

Pode-se concluir que a linguagem, sistema articulado de signos, construído socialmente ao longo da história, veicula significados instituídos relativamente estáveis, embora mutáveis, o que faz a polissemia das palavras. Entretanto esses significados adquirem sua *significação* concreta no contexto da interlocução. "A palavra — diz Bakhtin — é o território comum do locutor e do interlocutor". Isso quer dizer que o *discurso* ou interlocução é um processo de *produção social* de significação, e a língua, o instrumento dessa produção. A dimensão semântica em Vygotsky fica bem limitada.

5. M.A.K. Halliday. "Language structure and language fonction", em: J. Lyons (ed.) *New horizon in linguistics*, Harmmondaworth, Penguin, 1970; "Explorations in the functions of language", Londres, Arnold, 1973, R. Rommetveit "Words, meanings and messages", Nova Iorque, Academic University Press, 1968; "On message structure: A framework for the study of language and communication", Londres, Viley, 1968.

Se um signo é algo que significa uma outra coisa para alguém em algum aspecto, qualquer coisa pode adquirir um valor semiótico. Isso explica a variedade do repertório sígnico. O sistema de signos lingüísticos faz parte desse repertório.

São conhecidas as divergências entre os especialistas a respeito das relações entre Semiótica e teoria lingüística. Como salienta Sercovich (1977), tanto F. de Saussure quanto Ch. S. Pierce[6] falavam, no início do século, da necessidade de uma ciência geral dos signos (a *semeiotike*). Ciência que ainda estava por ser feita. Para Saussure, a Lingüística seria uma parte dessa ciência, regida pelas suas leis. Mais recentemente, porém, Barthes (1964) inverteu a proposição de Saussure, incluindo a Semiologia na Lingüística, porque, segundo ele, qualquer sistema semiológico só é acessível através da linguagem. Essa idéia levou T. Todorov a negar a possibilidade da Semiótica, por pensar que o sistema de signos lingüísticos não pode captar o específico dos sentidos não-lingüísticos sem transformá-lo. Analisando a idéia de Benveniste (*Semeiotica*, 1969) de que não existe sinonímia entre os sistemas de significação (o que se aplica dentro de um mesmo sistema), Sercovich refuta a argumentação de Todorov, concluindo que é possível descrever os sentidos não-lingüísticos e, portanto, afirmar a existência da Semiótica. Mas seu desenvolvimento supõe a articulação de uma teoria da *subjetividade*, uma teoria da *significação* — que inclua a *retórica* — como *processo constitutivo das práticas discursivas* — e uma teoria da *referência* (*ib.*, pp. 89-90). Trata-se de três campos interdependentes e complementares (do sujeito/do discurso/do referente), seguindo o modelo triádico de Pierce, o que exclui as relações diádicas entre os componentes do signo.

Assumindo que o campo da Semiótica não se esgota no sistema de signos lingüísticos, mesmo reconhecendo sua função interpretativa dos sentidos não-lingüísticos, fica claro que a função da mediação semiótica extrapola o campo da linguagem. O que não aparece nas análises de Vygotsky.

Outra questão problemática é o alcance sócio-histórico que o conceito de *sentido* tem nos escritos de Vygotsky. Ao admitir a existência do sentido (na palavra, na frase ou no enunciado), Vygotsky coloca a questão da significação do próprio significado, afirmando o deslocamento deste em função dos contextos. Entretanto ele não avança mais na discussão. O problema embutido nessa discussão é o da *referência*.

6. F. de Saussure, *Cours de linguistique générale*, Paris, 1916; Ch. Sanders Pierce, *La ciencia de la semiótica*, Buenos Aires, Nueva Visión, 1976 (de *Collected papers*, Harvard Press, 1960).

Quando Vygotsky fala do referente (1967, p. 63), ele o faz em termos denotativos: o objeto real ao qual a palavra se refere. Significado e referente não coincidem necessariamente, o que permite a variação do sentido das palavras. As análises de Vygotsky carecem de uma "teoria da referência" (o que é compreensível na sua época) que permita ultrapassar a ilusão empirista de *uma apreensão direta do referente*, na qual não há lugar para o imaginário. Em relação à questão do referente, Sercovich lembra que, tanto no modelo de Pierce quanto em Frege, existe claramente uma distinção entre o sentido do signo (o *objeto imediato* de Pierce, ou versão da realidade que o signo proporciona), sua referência e sua representação (*interpretante dinâmico* de Pierce).

À Semiótica interessa não como o discurso descreve a "realidade" (ilusão do real) mas como a produz, ou seja, como produz seus referentes internos (objetos *imediatos* de Pierce). A questão do sentido discursivo está ligada à questão das formações imaginárias, a qual, por sua vez, coloca o problema do real. Real e imaginário opõem-se não em termos de verdade e ilusão, como o fazem o idealismo e o realismo empiricista, uma vez que o real não se apresenta de forma direta e imediata, mas na sua representação, a qual é uma formação imaginária. A ilusão reside no desconhecimento das formações imaginárias do discurso, decorrentes da sua natureza sócio-histórica.

A questão do imaginário discursivo está relacionada com a teoria da referência e esta com o problema da *transparência* do discurso, a qual consiste na "falsa impressão" de que o significado traduz o *real* (referente) de maneira direta e sem mediações semânticas. Isso levanta a questão, filosófica e psicológica, do acesso ao *real*, a qual explica a ambigüidade do conceito de realidade: "realidade" (como expressão do real) ou realidade (como exterioridade do real). Segundo Sercovich, um discurso é *transparente* quando oculta suas próprias condições de produção, ou seja, quando os significados perdem sua densidade semântica (sócio-histórica), de maneira que as seqüências discursivas remetem diretamente à "realidade", ocultando as condições de produção do sentido do discurso. A perda (ilusória) da densidade semântica do significado transforma-o numa *imagem*, expressão imediata da "realidade". Uma formação imaginária é, então, "o conjunto de discursos predominantemente transparentes operante numa conjuntura determinada" (Sercovich, 1977, p. 34). Uma relação imaginária é a relação entre um discurso transparente e um sujeito. As representações produzidas pelas formações imaginárias (representações *no* sujeito mais do que *do* sujeito) são constitutivas da subjetividade. "A transparência semiótica — diz Sercovich — resulta de um 'esquecimento' que se opera no sujeito". É na relação imaginária que opera o ideológico (ocultação ao sujeito das condições sociais da produção dos sentidos discursivos).

Ficam, assim, evidenciadas tanto a natureza complexa do semiótico quanto a sua constituição a partir de e pela realidade sócio-histórica da sociedade. Isso confere ao conceito de *mediação semiótica* uma densidade social e histórica que explica as características específicas do conceito de mediação nas sociedades históricas. No mundo sócio-histórico, diz Castoriadis (1975), "tudo está indissociavelmente ligado ao simbólico", embora não seja tudo sempre e diretamente símbolo. O simbólico encontra-se, em formas e graus diferentes, em todas as instituições sociais, particularmente na linguagem. Elas não se reduzem ao simbólico, mas são impensáveis fora dele. Ora, a ordem simbólica é uma produção do *imaginário social da sociedade*. Simbólico e imaginário constituem registros diferentes do mundo humano, mas estão intrinsecamente imbricados um no outro. O simbólico só existe a partir do imaginário, e este só se objetiva no e pelo simbólico. A ordem simbólica impõe suas leis ao imaginário, mas não consegue neutralizar seu poder de produção. Isso explica a complexidade da realidade social e cultural da sociedade e as suas múltiplas expressões. A *ordem* simbólica é constituinte do homem como *indivíduo social*, mas pode tornar-se uma ameaça para o homem quando se pretende fazer dela a negação do imaginário. É a dialética da lei e do desejo. Se a lei torna possível o desejo, o desejo deve ignorar a lei para poder desejar, insinuando-se nos meandros da linguagem (lei do discurso) através das *modulações dos significantes*.

Pode-se concluir que o conceito de "mediação semiótica" na perspectiva e nas dimensões aqui propostas é um bom instrumento conceitual para pensar o psiquismo humano como um *processo permanente de produção* que envolve o indivíduo e seu meio sócio-cultural numa interação constante. Esse conceito revela-nos não só a origem social das funções psíquicas como também a natureza semiótica da atividade psíquica. A capacidade de produção *imaginária* que caracteriza o ser humano permite-lhe a construção de um *universo simbólico* que define a especificidade da sua natureza. A entrada nesse universo, pela sua apropriação através dos mecanismos de internalização e pela produção cultural, representa para o ser recém-nascido a razão da sua existência e a condição para tornar-se *humano*, o que o simples nascimento apenas faculta. A visão sócio-histórica do psiquismo abre, assim, as perspectivas de uma psicologia concreta que dá conta da complexidade da vida humana, ao mesmo tempo que nos revela o papel da vida social e cultural.

Bibliografia

BAKHTIN, M. *Marxismo e psicologia da linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1989.

BARTHES, R. *Elementos de semiologia*. São Paulo, Cultrix, 1971.

CASTORIADIS, C. *L'institution imaginaire de la société*. Paris, du Seuil, 1983.

GINZBURG, C. Signes, traces, pistes. *Le Débat, 6*, (1980), pp. 3-44.

LACAN, J. *Ecrits*. Paris, du Seuil, 1966.

LEE, B. Intelectuals origins of Vygotsky's semiotic analysis. Em J.V. Wertsch (ed.), *Culture, communication and cognition: Vygotskian perspectives*. Cambridge (Mass.), Cambridge University Press, 1985.

LEFEBVRE, H. *La présence et l'absence*. Paris, Casterm, 1980.

LEONTIEV, A. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa, Horizonte, 1978.

LORENZ, K. *L'agression*. Paris, Flammarion, 1969.

_____ *Trois essais sur le comportement animal et humain*. Paris, du Seuil, 1970.

LURIA, A.R. *Pensamento e linguagem*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.

MARX, K. *Manuscrits de 1844.*, Paris, Editions Sociales, 1972.

_____ *Le capital*. 3 vol., Paris, Editions Sociales, 1977.

MOSCOVICI, S. *La société contre nature*. Paris, U.G.L., 1972.

SERCOVICH, A. *El discurso, el psiquismo y el registro imaginario*. Buenos Aires, Nueva Visión, 1977.

SILVERSTEIN, M. Cognitive implications of a referential hierarchy. Em M. Hickmann (ed.) *Social and functional approaches to language and thought*. Nova Iorque, Academic University Press, 1988.

VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. São Paulo, Martins Fontes, 1984.

_____ Em J.P. Bronckhart et al., *Vygotsky aujourd'hui*, Neuchâtel-Paris, Delachaux e Niestlé, 1985.

_____ *Pensamento e linguagem*. São Paulo, Martins Fontes, 1987.

WERTSCH, J.V. *Vygotsky and the social formation of mind*. Cambridge (Mass.), Harvard University Press, 1985.

_____ La médiation sémiotique de la vie mentale. L.S. Vygotsky et M.M. Bakhtin. Em J.P. Bronckhart et al., *Vygotsky aujourd'hui*. Neuchâtel-Paris, Delachaux e Niestlé, 1985.